

Reposta a Gerard Lebrun

ROBERTO SCHWARZ

Ocorre às vezes que uma crítica se aplique sobretudo a seu autor.

A par de observações amáveis, G. Lebrun assinala os efeitos perniciosos do marxismo em meu trabalho: utilização abstrata de esquemas, confusão entre critérios estéticos e políticos, propensão ultradesmistificadora e conseqüente descaso pela riqueza da cultura brasileira, desprezo histórico pela intelectualidade, desprezo que aliás, ressaltada a minha boa fé, teria a ver com os cemitérios da "intelligentia" na URSS e no Cambodja¹. A lista pode ser alongada, mas o espírito é este.

Sem intenção de me furtar à crítica, penso que são afirmações demonstravelmente descabidas. Os dois trabalhos considerados por Lebrun têm como ponto de partida a identificação e caracterização de contradições que não constam num repertório teórico prévio e que são propostas pela história viva. O que, no contexto do marxismo, é o oposto da utilização abstrata de esquemas, e se Lebrun não o notou é porque trabalha com um esquema abstrato do marxismo.

Idem quanto às relações entre estética e política. Podem não estar ao gosto de Lebrun, mas não há confusão, no sentido de indistinção, pois a reflexão histórica e crítica a respeito de suas contradições é a intenção explícita destes estudos. Assim, as alianças e os

1. G. Lebrun, "Algumas confusões, num severo ataque à intelectualidade", *Jornal da Tarde*, 17.11.79.

antagonismos surpreendentes são quase que a regra geral no capítulo: as soluções estéticas mais fortes podem ter afinidade com posições políticas lunáticas, posições políticas realistas podem afinar com posições estéticas insossas, dentro do próprio domínio estético a radicalidade não se traduz automaticamente em qualidade etc. Ainda aqui, se Lebrun não anotou estes assuntos é: a) porque promove o marxismo na sua aceção nefasta, em que a relação entre estas esferas não é assunto de debate e interpretação, mas de *diktat*, e b) porque deseja, como veremos, despolitizar a análise cultural e estética, o que faz que prefira a desconexão das esferas à sua dialética, a qual chama de confusão. Ocorre que na ausência de tais tensões a reflexão sobre a cultura contemporânea fica privada de assunto.

Que dizer do descaso pela cultura brasileira e do desejo de fazer tábua rasa? Um dos trabalhos que Lebrun menciona trata da maturação do romance brasileiro, e mal ou bem, mas meticulosamente, procura identificar uma tradição e estabelecer o valor de vários de nossos romances de segunda linha... Digamos então que o descaso pelo concreto, o desejo de nivelar por baixo, o esquematismo, o reductionismo, o vácuo histórico e a tábua rasa, a que se refere Lebrun, são em primeira linha a feição de seu próprio argumento. Para demonstrar que atrás da reflexão histórica de inspiração marxista está sempre — ponhamos, para simplificar — um stalinista, Lebrun é obrigado a incorrer nos métodos que abomina. A vantagem é de queimar em bloco a crítica da sociedade de classes.

Quanto ao desprezo pela intelectualidade, o equívoco espanta, tanto mais que se trata de um ensaio dedicado à importância dela, às suas contradições e ao interesse de sua produção. Na passagem que Lebrun cita para descobrir afinidade — ainda que involuntária e tênue — com a liquidação de intelectuais em países comunistas o que está dito é diferente, e neste ponto faltou sutileza. Sabedor eu mesmo da disparidade histórica de motivos entre a intelectualidade de esquerda, de que sou parte, e os regimes revolucionários, aludi a este desencontro com a circunspeção e melancolia cabíveis e jamais como candidato, mesmo virtual, a reeducador.

Isso posto, não é ruim que um modesto socialista brasileiro seja confrontado com os crimes tremendos que se perpetram em nome do socialismo. De fato, a crítica ao capitalismo que não seja dimensionada pelo estudo e pela consciência destes horrores é vã e fica aquém do que no fundo de si mesmo todo leitor de jornal hoje sabe. Inversamente, a crítica do socialismo que faça abstração de nazismo, Vietnã, contribuições atuais da América Latina etc., ou está fora do mundo,

ou é apologética. A questão no caso é não só de equidade, que aliás não faz mal a ninguém, mas de realismo. Capitalismo e socialismo estão se medindo e determinando na prática há muitos e muitos anos. A sua penetração recíproca deve ser mais profunda que se imagina, a dinâmica de um possivelmente já não se entenda sem a do outro, sem falar na dialética do conjunto, que deve também estar bastante engrenada. Noutras palavras, a crítica a que falte este senso, do qual faz parte a comparação dos feitos e crimes respectivos, hoje fica aquém do processo real e tende ao delírio.

O quadro não é luminoso, e por isto surpreendem as advertências de Lebrun contra a disposição excessiva de desmistificar. Outros diriam que o que tem faltado ao espírito é estômago para abarcar a extensão atual da mistificação e da opressão. Este ponto de vista, que provavelmente está mais próximo da realidade, faz ressaltar o movimento de conservadorismo e recuo na crítica de Lebrun. Com efeito, depois de tudo que se sabe sobre as implicações políticas da generalização da forma mercadoria, da integração de autoridade, indústria, ciência e ensino, da ideologia do consumo etc., padrão este que o capitalismo criou e o socialismo não pôde ou não quis contornar, como propor a despolitização da análise cultural? Aliás, a verdade é que ainda quando invoca os exemplos de Cambodja e União Soviética Lebrun está mais interessado em plantar espantalhos que em colocar problemas.

Do meio para o fim, o horizonte do artigo se precisa. Depois de pintar de preto o marxismo, Lebrun vai pintar de rosa o capitalismo. Em suas palavras, na esfera da cultura não cabe falar em linha de classe. Ou melhor, cabe, mas só quando nos referimos a sociedades em que as classes trabalhadoras não são reconhecidas como parceiro social, o que era o caso na Europa do século XIX e é o caso em países atrasados do século XX. Entretanto, desde que as classes trabalhadoras sejam reconhecidas como parte da sociedade civil, como ocorre nos países capitalistas avançados, e parcialmente no Brasil(!), a esfera cultural não serve com exclusividade a nenhuma das partes em confronto, as quais através dela exercem pressões, negociam, chegam a um acordo etc. Por razões que sinceramente não compreendi, segue-se que em tais casos o prisma ideológico deixa de ser apropriado à análise cultural. Por quê não concluir o inverso? Seja como for, neste passo o tecido cultural é desvestido de sua negatividade, a qual portanto lhe vinha de sua unilateralidade, e não, como quer a tradição marxista, de sua impregnação pelo fetichismo da mercadoria. A chave da sociedade moderna estaria na falta de reciprocidade e não no capital.

Mas voltemos às distinções de Lebrun. É certo que nos países em que os explorados além do mais não têm direito à organização e à palavra, a vida é pior e mais abjeta que nos de capitalismo "civilizado". É uma verdade que seria loucura ignorar, mas também sobreestimar, como recordam a regressão nazista da civilizada Alemanha e a combinação recente de avanço capitalista e ditaduras ferozmente antipopulares na América Latina. Assim, a divisão do mundo em atrasados e adiantados é curta. Não leva em conta as realidades que estão aí, e sendo talvez a generalização de dois decênios de estabilidade relativa em Europa e América do Norte, é de todo modo um exemplo de inocência progressista.

No caso, fica suposto que o elemento dinâmico da sociedade contemporânea seja o entendimento conflitivo (e intranacional) entre empregados e patrões. Estaríamos numa arena estável, transparente e *positiva*. Outros, movidos pelo negativismo que Lebrun denuncia, dirão que o elemento dinâmico da atualidade é o processo do capital, e que são as suas transformações que revolucionam a ordem internacional, o quadro nacional das classes, a organização da produção, a cultura material e os próprios termos da luta de classes. Estaríamos num vale-tudo sem arena certa, em que as condições de enfrentamento são escandalosamente injustas e o teor geral de alienação é altíssimo. E uma vez que o assunto em debate é a crítica da cultura, não custa notar que em nosso tempo é na produção artística exigente que esta visão sombria da cena atual encontra a sua expressão mais consistente, ao passo que a moderação crítica aconselhada por Lebrun é moeda corrente no oficialismo, inclusive e sobretudo de esquerda.

E nas circunstâncias do Brasil então, país classista a mais não poder e cujo mapa ideológico alienadíssimo ainda está quase que inteiramente por traçar, que dizer da posição de Lebrun? Acresce que a inspiração marxista e socialista no país hoje é diversificada, ligada a problemas práticos, e, dependendo dos setores, livre de amarras ortodoxas, o que pode ser uma vantagem com muitas dimensões, e torna mais imprópria ainda a estereotipia.

Enfim, no artigo de Lebrun a redução do marxismo ao stalinismo é complementar da promoção do capitalismo a sociedade de conflitos negociados. O móvel desta crítica à crítica do capitalismo talvez não seja a convicção de que este último é bom, mas que o socialismo é pior. Daí o seu teor geral, que afinal de contas é antes de pedir menos luz que de criticar. E de fato, a despeito do sem número de estocadas, a intervenção de Lebrun poderia lealmente se resumir como uma amigável intimativa ao comedimento.